

# Guy Brett do Brasil

Cildo Meireles

Conheci Guy Brett em 1986. Antes disso já acompanhava seu trabalho. Quando nos encontramos pela primeira vez eu estava fazendo uma modesta exposição na embaixada do Brasil em Londres, na qual eu mostrava dois trabalhos: *Eureka/Blindhotland* e *Zero Dóllar*. Guy Brett foi visitar, se mostrou verdadeiramente interessado pelo trabalho e desde então estabelecemos contato.

Tive a felicidade de trabalhar com ele em várias ocasiões. Em 1989 ele foi convidado para escrever um dos textos para o catálogo de uma exposição: “Tunga/Lezart e Cildo/Through” na Kunststichting – Kanaal – Art Foundation, em Kortrijk, na Bélgica.

Desde então, participei de alguns projetos com curadoria de Guy Brett, como “Nine Latin American Artists”, na Cornerhouse, em Manchester; e na Ikon Gallery, em Birmingham. Posteriormente, em 2008, nos encontramos novamente para a exposição da Tate Modern Londres. Esse foi um trabalho importante para mim no qual a participação de Guy Brett foi essencial. Com curadoria de Vicente Todolí, o projeto contou com a presença de Guy Brett, que esteve conosco durante todo o processo, se concentrando na organização e editoria do catálogo, para o qual ele escreveu um texto. Nosso último trabalho juntos foi em 2012, quando ele me convidou para integrar a mostra coletiva: *aberto fechado: caixa e livro na arte brasileira*, na Pinacoteca de São Paulo.

Guy Brett era sobretudo um ser humano muito especial e naturalmente elegante. Ao longo do nosso convívio se mostrou uma pessoa extremamente amiga e solidária. Pelo caminho que trilhamos juntos e por ser um amigo singular para mim, dediquei a ele um trabalho: (*Entre.Parêntesis*). É um trabalho que ele gostava e que na época não conseguimos montar. A obra seria sua escolha para ser exibida na University of the Arts Londres, por ocasião da exposição da Tate Modern.

Assim como Mário Pedrosa, Frederico Moraes e Ferreira Gullar, Guy Brett foi fundamental para a arte contemporânea do Brasil a partir dos anos 60. É uma figura que eu gostaria de saudar, porque tenho apenas boas lembranças do convívio com ele, trabalhando juntos ou nas relações pessoais. Acho que o Nick Serrota soube homenageá-lo, me lembro do discurso no jantar por ocasião da exposição na Tate. Ele, quando se referiu ao Guy Brett o chamou de “Tesouro Nacional”. Por isso, gostaria de tomar as palavras de Serrota para mais uma vez reverenciar Guy Brett, acrescentando que, no Brasil, ele também é um “Tesouro Nacional”.

Cildo Meireles, Rio de Janeiro, 27 de agosto de 2021.

Artigo recebido em 02 de outubro de 2021 e aceito em 19 de novembro de 2021.  
Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

